

## Ao entrar no oitavo ano da sua publicação, A BATALHA saúda e felicita o povo trabalhador

HÁ MALES...

### Ataques que tonificam

Eu podia, para encher os lingua-  
dos que me pedem para este nú-  
mero festivo da *Batalha*, disre-  
tar a vantagem que o opera-  
riado tem em possuir na imprensa  
um órgão diário de defesa e de  
combate, o que aliás o mesmo ope-  
rariado já conhece por experiência,  
ou, se preferisse enveredar por outro  
caminho, narrar certos casos ocor-  
ridos adentro do jornal, durante o  
tempo em que estive à sua frente,  
alguns deles assaz curiosos, como o  
de me ter visto constrangido, em  
mais de uma circunstância, a ser  
como que juiz-de-paz entre leitores  
que aqui vinham trazer as queixas  
mais estrambóticas, forçadas, mais  
de uma vez, após demoradíssimas e  
agitadas audiências, feitas em plena  
redacção, a conciliar as partes de  
bengalão em riste, para evitar que  
aqui mesmo se engalhassem.

E, se quisesse falar dos rapazes  
que nos primeiros tempos como  
trabalharam na redacção—todos,  
como eu, operários tipógrafos, à ex-  
cepção do arguto Quartim, que há  
bons 23 anos conheci em Viana-do-  
Castelo, quando me fôra levar, para  
o *Lutador*, um furibundo artigo  
contra um malcriado padralhão, e  
que, além de chefe da operosa oti-  
cina, era o abalado *cozinheiro da*  
*Batalha*—, se me dispusesse a tocar  
esse bordão, não me seria difícil re-  
cordar um ou dois singulares episó-  
dios do elemento mais excêntrico,  
mas também do espírito mais opu-  
lento da redacção, o inconfundível  
Perfeito de Carvalho, que mais tar-  
de me ia estragando o Mário Do-  
mingues, rapaz cuja vocação eu adi-  
vinhei, sentindo-me contente de o  
ter feito transitar da banca dum es-  
critório para a do jornal.

Preferio, porém, ocupar-me do  
assalto à *Batalha*, não propriamente  
para me deter na narração da torpe  
façanha, tão ignóbil que os indivi-  
duos que, pela calada da noite, ale-  
laram a cabo, não tiveram até hoje  
a coragem de reivindicar em público  
as responsabilidades da sua autoria,  
mas para concluir que os efeitos  
apurados foram diametralmente  
opostos aos que tinham em vista os  
assaltantes.

\*\*\*

Por essa data—meados de 1920  
—atravessava a gazeta uma das suas  
crises mais sérias, crise que pouco  
antes me levava a publicar um afi-  
tivo artigo com o título *Isto vai mal,*  
*amigos!*, apelando, mais uma vez,  
é claro, para a inextinguível solidarie-  
dade material do proletariado, por-  
que com a sua solidariedade moral  
contávamos nós invariavelmente. O  
nosso brado não fôra lançado em  
terreno sáfaro, como de resto o  
não tem sido tantos outros, vindo  
a propósito dizer que se houvesse  
ai alguém de paciência beneditina  
que se propusesse organizar uma  
estatística do dinheiro com que a  
parte consciente da classe operária  
tem contribuído para o seu diário,  
e para as iniciativas por este agita-  
das, apurar-se-ia uma soma que de  
lão elevada pareceria fantástica.

Aquele apêlo foi, pois, ouvido,  
mas o sorvedouro que para a ga-  
zeta representava o fabuloso custo  
do papel de impressão era de tal  
monta que, a cada factura que ao  
encravado Figueiredo apresentavam  
no *guichet* da administração, cor-  
respondia a queda de mais um dos  
raros pêlos da sua escaldada cabeça,  
não servindo a atenuar-lhe o pavo-  
roso fenómeno da descapilação os  
mirríficos projectos em que era e  
continua sendo fecundíssimo. En-  
tretanto...

... Entretanto, veio o assalto—  
coisa de pasmar. Foi um mau qua-  
rto-de-hora esse, não há dúvida, pa-  
recendo-me que ainda estou vendo  
estatelado no chão o Machado, que  
os assaltantes, ao que parece, ha-  
viam tomado pela minha pessoa, e  
que só por um feliz capricho do  
caso não foi atingido pelas balas

que lhe furaram a parte superior do  
casaco, quarto-de-hora esse a que,  
como sucede em tôdas as situações  
sérias, não faltou o lado cómico,  
trazido então por um fático com-  
panheiro, que, ao ver a coisa mal  
parada, deslisou, solerte, para a casa  
contigua, tendo o mau sestro de  
marinhar para o telhado que comu-  
nica com a tipografia, onde o Car-  
los José de Sousa, pouco depois, o  
lobrigava agachadinho como bicha-  
no apavorado, e que, tomado por  
um dos malfeitores, ia sendo esca-  
vacado com os calços-de-ferro das  
gravuras, únicas armas de que está-  
vamos munidos.

O certo é que foi por virtude do  
assalto que a *Batalha* saíu duma  
situação difícil, visto que, graças a  
ele, além de termos assistido a um  
dos movimentos de protesto mais  
eloquentes que o operariado tem  
efectuado, movimento que nos co-  
mouve pela sua voluntariedade e  
pela sua grandeza, os fundos então  
espontaneamente dados ao jornal  
permitiram que este se resarcisse  
amplamente dos prejuízos de ordem  
material sofridos, e de tal modo que  
até os móveis da redacção foram  
galhardamente renovados por ope-  
rários mobiliários amigos, para que  
sobre eles mais brilhassem as flores  
que o Eduardo Freitas e o José San-  
chez amiúde nos traziam e que a  
senhora Rosa—«a continua»—trata-  
va com desvelo.

E eis como, de um acto que por  
pouco não teve consequências trá-  
gicas, saíu afinal a *Batalha* com  
mais vida, o que quer dizer que os  
resultados do assalto foram exacta-  
mente contrários aos intuitos dos  
seus autores. Pretendiam matá-la e  
retemperaram-na.

Fevereiro de 1926.

Alexandre VIEIRA

### UMA SÓ MORAL

A minha sinceridade e a minha simpatia  
pela *Batalha* vêm talvez compensar um  
pouco a minha falta de competência para  
apreciar, como me pediram, um jornal desse  
jazz.

Principiarei por felicitar pelo seu aniversá-  
rio o intererato defensor das classes tra-  
balhadoras que passa no dia de hoje, e  
também pela orientação que tenho obser-  
vado que ele segue e que tão bem se coor-  
duna com o meu modo sentir, haja visto a  
campanha moralizadora que a *Batalha* tem  
feito desambradamente contra as tauras,  
talvez o único jornal que com denodo  
ataca aquele bárbaro espectáculo.

Como arauto do povo preconiza a pro-  
tecção às classes produtoras; da sua lei-  
tura ressalta sempre a concepção de prin-  
cípios defensores das classes humildes que  
sempre as que mais disso carecem.  
Calorosamente pois, aplaudo a sua atitude  
decoroso paladino dos direitos dessa classe  
de desproteção.

Se por vezes divirjo de algumas opiniões  
não deixei nunca de o apreciar como grande  
batalhador pela união do proletariado in-  
tellectual com o proletariado manual que  
antes da *Batalha* tão divorciados andavam, o  
que, quanto a mim, era um entrave ao  
desenvolvimento e realização dos mais belos  
ideais.

A atitude jornalística deste bem escrito  
periódico, torna-se erdora da minha mu-  
ta estima, principalmente na sua atitude  
com respeito à questão feminista, que tão  
bem tem sido defendida em alguns dos  
seus artigos.

Bem hajam!  
As mulheres têm tanto direito a ver que-  
bradas as algemas que ainda lhes apertam  
os pulsos como os homens.

A mulher escrava não pode ser boa mãe,  
nem boa esposa.

A mulher escrava torna-se o carácter  
dos filhos que gera e educa. E todo o ho-  
mem que não se preocupa com o estado  
de escravidão da sua mulher e das suas fi-  
lhas continuará a ser escravo de alguém.

Marido e mulher devem sempre marchar  
juntos no caminho do seu ideal—a perfei-  
tibilidade humana.

Não basta mudar de regime, é preciso  
mudar de moral, destruir os arcaicos prin-  
cípios de privilégio de classe e de sexo.  
É preciso uma só moral para todos os  
seres que povoam a Terra.

Como republicana velha ou como velha  
republicana, tendo sido educada nos seus  
princípios democráticos de um idealismo  
puro, estou hoje onde estive sempre e por  
isso não me assustam os ideais dos que vão  
mais além do campo onde tenho sempre  
militado, contanto que esses ideais tenham  
por fim o bem estar da humanidade.

Adelaide CABETTE

### Ai dos vencidos!

Maleabilidade ou rigidez?

Na passagem do aniversário de *A Bata-  
lha*, em que esta terá de passar em revista  
os factos mais palpitantes da vida revolu-  
cionária do proletariado português, afigu-  
ra-se-nos não ser demais focar um dos  
seus aspectos mais interessantes na hora  
que passa.

Não o faremos, certamente, com aquela  
competência literária e profundidade de  
vistas que tão magno assunto comporta. Para  
tanto falhamos nos necessários recursos  
intelectuais, supridos apenas por um pou-  
co de experiência e de vontade.

\*\*\*

Queremos referir-nos ao que se con-  
venção classificar de «rigidez de prin-  
cípios» e que, naturalmente, supõe rigidez de  
atitudes em militantes da causa da liber-  
dade e do sindicalismo revolucionário.

A cada passo se ouve:  
—Fulano... «é demasiadamente rígido».

E logo a seguir:

—«Não nos devemos ser assim... E'  
preciso ser-se tolerante, um pouco mais  
maleável... Não vivemos num meio em  
que a consciência individual já esteja for-  
mada... E temos que atender às circuns-  
tâncias, aos momentos, às conveniências...  
É preciso contemporizar»...

Contudo... Contudo, os inimigos do  
operariado, os adversários, conscientes ou  
inconscientes, do princípio de auto-deter-  
minação libertária e emancipadora das  
massas laboriosas; todos os que assentam  
a sua acção no sistema social vigente ou  
num programa político-partidário, que  
impõem uma disciplina e um método, nun-  
ca deixaram de ser rigidamente consequen-  
tes com os seus princípios e não recuam  
perante os meios, sejam quais forem, para  
fazer vingar os seus pontos de vista par-  
ticulares.

Enquanto catequizam, na ânsia de arrigir-  
mentar prosélitos, não abandonam os seus  
pontos de vista teóricos. Na prática, pro-  
curam realizar ou determinar os factos em  
conformidade com o que previram nos seus  
programas de realizações.

Já a burguesia, na gestão do seu sistema  
económico-social, não abdicou dos seus  
pontos de vista, transigindo com o centra-  
lismo feudal. Os redutos do feudalismo fo-  
ram plenamente batidos, ficando apenas  
do passado, aquilo que não perturbava o  
sistema burguês, e que, de algum modo,  
poderia contribuir para a sua consolidação.

Dentro do regime burguês não são des-  
prezados os processos rígidos de violência  
e de captação: nem a força de todos os po-  
deres de violência do Estado, nem as válu-  
as de segurança consubstanciadas na re-  
ligião e na ficção democrática.

A burguesia manteria hábilmente aqueles  
recursos para manter a estabilidade do seu  
regime. Aproveitou certos acontecimentos,  
e se num ou noutro país se consolidou,  
após a guerra, estabelecendo os variados  
sistemas de despotismo, nos restantes e  
para o mesmo fim pôs em movimento todas  
as outras forças de reacção não desprezando  
nem processos nem modalidades de adap-  
tação.

No terreno religioso mobilizou mulheres  
e eunucos para a catequese, obra destinada  
a castrar as energias vitais populares; no  
terreno político, dispôs em seu favor as  
forças avançadas da democracia.

Paralelamente ao acréscimo e intensidade  
da acção religiosa, existe a não menos pe-  
niciosa luta de consolidação do Estado por  
parte dos chamados partidos da «esquerda  
política».

E como se fôra pouco a existência da  
«esquerda política» como correctivo às as-  
pirações proletárias de libertação pela des-  
truição de todos os poderes do Estado, sur-  
giram as «esquerdas sociais», derivativos  
conservadores animados dum pseudo espí-  
rito progressivo, qualquer coisa assim uma  
sugestão destinada a enganar o «menino»,  
o proletariado ingénuo, «para lhe comer o  
pão» — ou seja, para manter o escravo.

São verdadeiros laços traiçoeiros em que  
não poucas vezes se tem caído entre nós,  
graças à nossa incultura revolucionária e  
libertária e à nossa boa fé. Somos dema-  
siado simplistas, e tão simplistas, que quan-  
do se faz uma leve advertência, logo surge  
o excelente camarada, animado dum mal  
compreendido espírito contemporizador, a  
incretar a «rigidez» daquele que prevê ou  
nota um desvio e o assinala, com os olhos  
postos na causa comum a todos e que a to-  
dos deveria merecer igual defesa.

Neste momento temos postos sobre nós  
os olhos de muitos revolucionários e de  
alguns organismos operários de além-fro-  
teiras. A evolução do proletariado portu-  
guês, assinalada nas decisões dos seus últi-  
mos congressos, a sua interpretação dos  
factos e o seu movimento reivindicador,  
estão sendo apontados lá fora como exem-  
plos dignos de estudo, senão mesmo de  
admiração, dadas as nossas fracas possibi-  
lidades intelectuais a contrastar com as  
nossas características psicológicas.

Todavia, «não há beleza sem senão» — diz  
o adágio. E é este «senão» que temos o de-  
ver moral de extinguir. Tem-nos faltado  
propaganda doutrinal. A simples posição  
de combate e a literatura poderosa criar  
reivoltos-demagogos e românticos; mas não  
produzem convicções fortes, resistentes, ca-  
pazes de enfrentar os acontecimentos e acha-  
rem nos momentos próprios soluções prá-  
ticas animadas de espírito libertário e em-  
ancipador.

Este é, talvez, o maior «senão»: o maior

erro, cujas fatais consequências não se fa-  
rão esperar.

A crise porque passa entre nós a orga-  
nização sindicalista, a despeito das rasga-  
das afirmações dos congressos, não resulta  
apenas do *chômage* forçado pela cupidiz  
do capitalismo, dentro da consagrada fór-  
mula do liberalismo económico-burguês; é  
também a resultante da fraqueza numérica  
de militantes conscientes e convictos em  
todas as classes e localidades do país.

Se não fôra isso, nem assistiríamos às  
correntes scissionistas no movimento ope-  
rário nem o espírito intrigante, a maledi-  
cência e a calúnia teriam guardada entre nós:  
seriam repellidos como venenos corrosivos,  
dignos apenas dos escalços que há tempo a  
esta parte veem minando a C. G. T.; se-  
riam mesmo destruídos logo ao primeiro  
embate e postos a uma higiénica distância  
dos seus portadores, que sobrepictamente  
se vão infiltrando nas fileiras sindicais com  
todo o seu poder destruidor.

\*\*\*

Tudo isto resulta da falta de «rigidez» —  
aquela precisão de pensamento e de coe-  
rência dos princípios livremente aceites nos  
congressos — aquela consequência com o es-  
pírito de liberdade que é fundamental no  
grandioso trabalho de emancipação dos tra-  
balhadores e sem o qual a classe operária  
jamais deixará de ser escrava.

Queramos ou não, o dilema está posto:  
ou se mantêm intransigentemente o com-  
bate, sob o ponto de vista doutrinal e  
educativo, não só aos fundamentos basilares  
do capitalismo, mas também às infiltrações  
daninhas, seja qual for o carácter com que  
se apresentem — ou o movimento operário  
português será inevitavelmente subvertido,  
cairá num labirinto de difícil saída, quando  
não resvale para qualquer beco político:  
Moscóvia ou Amsterdã — um e outro «rígido»  
nos seus programas férreos e in-  
transponíveis, como convém a um e outro  
dos grupos políticos que lhes determinam  
a acção.

A qualquer destes três polos poderá con-  
duzir o espírito maleável e contemporiza-  
dor, e, quando menos, ao primeiro: a um  
sindicalismo confuso, incolore, inexpressivo  
e por isso mesmo sujeito aos «vai-vens da  
sorte»... burguesia.

A falta de rigidez de princípios, dos prin-  
cípios revolucionário-libertários oferece o  
flanco da classe trabalhadora aos ataques,  
ora descobertos, ora mascarados, de tôdas  
as forças de reacção.

Esta reacção apresenta-se-nos com dois  
aspectos: o primeiro é a infiltração política,  
representada pelos partidos avançados,  
cuja obra não se nos apresenta senão como  
um imperativo de consolidação do Estado;  
o segundo, que se nos apresenta um pouco  
mais complexo, é a tendência, que vai cria-  
do adeptos nas fileiras burguesas, de fixar  
uma directriz conservadora ao sindicalis-  
mo, uma vez que este, correspondendo em  
certo modo à própria evolução industrial  
que determina uma maior proletarização  
das classes, pode ser susceptível de adapta-  
ção a novas modalidades sociais em que fi-  
que predominando uma nova classe ou uma  
nova casta composta pelos mais expertos.

Em qualquer dos casos o perigo é e-  
vidente. Não se evitará este perigo se se alar-  
gar e criar raízes o espírito maleável de  
contemporização e de transigência, embora  
com o aspecto risonho, mas falso, dum  
mal compreendida tolerância.

Ora o sindicalismo, só é revolucionário se  
é libertário. Quanto mais vasto, mais in-  
tense, mais profundo e melhor compreendi-  
do fôr pelas massas trabalhadoras, melhor  
armadas estas se encontram para se emanci-  
par.

Porque é, pois, que não devemos, intransi-  
gentemente, rigidamente defender e com-  
bater por estes princípios, se nós mesmo  
reconhecemos neles a condição primária e  
essencial para a emancipação dos trabalha-  
dores?

Não pode haver emancipação sem liber-  
dade. Esquecer esta axiomaática verdade é  
abdicar e reconhecer nos inimigos um di-  
reito e um poder indistritíveis e nos pro-  
letários uma condição de escravidão eterna.  
Se assim fôra, só nos restaria exclamar  
compungidamente:  
Ai dos vencidos!

M. J. de SOUSA

### Porque falta a carne em Lisboa?

Devido a uma lamentável troca de gra-  
nets, o nosso artigo de domingo com o tí-  
tulo supra saiu truncado, devendo por esse  
facto, para inteiro conhecimento da sua  
doutrina, a leitura do referido artigo fazer-  
se a partir do princípio da segunda co-  
luna.

### Um desmentido do Japão

TOQUIO, 22.—O ministério dos Negó-  
cios Esfrangeiros desmente categoricamente  
que o Japão se tenha oposto ao alargamento  
do Conselho da S. D. N., e acrescen-  
ta que o governo japonês não poderá  
decidir da sua atitude antes de alguns dias,  
em virtude de se encontrar actualmente a  
brazos com assuntos de ordem interna.

### Almanaque de «A Batalha»

192 páginas com muitas gravuras, preço  
5\$00.

RECORDAR É VIVER!

### HÁ SETE ANOS!

O autor pede aos leitores que lhe concedam o prazer de recordar  
um dos acontecimentos mais felizes da sua vida — Quem, como  
e quando surgiu a iniciativa de *A BATALHA* — Um parto aus-  
picioso — Crítica sempre se fez e descontentes sempre houve.  
Como se trabalhava nos primeiros tempos do jornal — Os redac-  
tores, os colaboradores, os amigos e o público operário — O autor,  
depois de evocar com saudade esses belos tempos, e com enter-  
necimento essa bela camaradagem, pede desculpa aos «novos»  
da maçada e põe ponto final nas suas recordações, obrigado  
pela falta de espaço

Ojo, com frequência, dizer a amigos que  
de há muito me conhecem:

—Estás sempre o mesmo. Não te fazes  
velho.

Na verdade, bato já à porta dos quarenta  
e não tenho nenhum cabelo branco, nem  
indicio de calvície, sinto-me fisicamente  
moço e moralmente sadio e forte. Mas há  
um sintoma de decrepitude que me inquieta  
— o saudosismo começa a invadir-me, já  
vou tendo saudades do passado. Não será  
isto o prenúncio da velhice?

—Ah! no meu tempo!...

Anos atrás, quando ouvia dizer isto às  
pessoas mais velhas do que eu, ria-me e  
chegava-me a irritar. Hoje, já também me  
parece que tudo era melhor no meu (?) tem-  
po, e dou razão a Bartrina:

O bem é só o ausente,

só o alheio ou o passado.

O mal, has de ter notado,

é sempre a hora presente.

Mas foi o passado, por ventura, sempre  
bom para mim? De modo algum. Mas dá-se  
comigo este caso interessante: quando re-  
cordo os tempos idos, nunca me ocorrem  
os desgostos, aqueles que me quizeram ou  
fizem mal, os maus bocados, as horas  
adversas. São as conjunturas agradáveis,  
os bons amigos, os momentos de satisfação  
que espontaneamente surgem na minha  
memória. Devo atribuir isto ao meu tem-  
peramento optimista? Ou não será natural  
que a dor se esqueça mais facilmente que o  
prazer? Creio que se assim não fosse, raro  
seria aquele que afrontaria a adolescência.

Coelho Neto, numa linda poesia *O riso e*  
*a lágrima* diz que a lágrima leva para o abis-  
mo do esquecimento as mágoas do cora-  
ção, ao passo que o riso mantém-se desa-  
brochado durante a vida, é eterno como a  
ilusão. Assim explica ele porque os sofri-  
mentos se esquecem e a impressão do pra-  
zer perdura.

Fantasia de poeta? Seja como fôr, o que  
é certo é que eu quando revivo o passado  
goso, e goso porque só as boas recordações  
sobrevivem no meu espírito.

Ora faz hoje, terça-feira, sete anos que  
se passou um dos acontecimentos mais fe-  
liz da minha vida. Seja-me concedido o  
prazer de recordar.

\*\*\*

Eu não sei, nem é possível saber-se com  
precisão, quem foi o primeiro que, entre  
nós, pensou e ambicionou um jornal diário  
escrito por trabalhadores e para os traba-  
lhadores. Tenho, porém, quasi como certo  
que essa aspiração surgiu pela primeira  
vez, pelo menos no cérebro daquele que  
em Portugal editou a primeira folha im-  
pressa, de defesa dos interesses dos traba-  
lhadores. Devia ter sido esse. Essa folha foi  
semana, quinzenal, mensal ou até, — quem  
sabe? — de publicação eventual, pela simples  
e única razão de os seus editores não a te-  
rem podido publicar diariamente.

Pôsto isto, creio estar ao abrigo de ma-  
lévolas suposições se disser que devia ha-  
bitar desde 1908 no meu espírito a aspi-  
ração de um diário de combate e crítica so-  
cial, defensor das classes trabalhadoras —  
desejo vivo esse que o insucesso da admirá-  
vel tentativa do grupo editor de *A Greve*  
não enfraqueceu —, e se afirmar que, quan-  
do em 1917 propus à Conferência Operária  
de Lisboa, em nome da sua comissão or-  
ganizadora de que fazia parte, a publicação  
de um boletim oficial da organização ope-  
rária, o meu desejo era que em vez de um  
boletim mensal (*O movimento operário*,  
n.º 1 a 9), a organização operária publi-  
casse um jornal diário. A tal não me abal-  
ancei, nem os meus colegas da comissão,  
por as circunstâncias de então não se nos  
antolharem propícias a esse empreendi-  
mento. Mais arrojado e optimista foi, po-  
rém, Raúl Neves Dias que, nessa mesma  
conferência, apresentou a proposta de um  
cotidiano editado pela organização ope-  
rária.

Recebida com scepticismo pela assembleia  
foi a proposta aprovada apenas em prin-  
cípio e baixou, para estudo, à comissão ad-  
ministrativa da U. O. N. que, em meados do  
ano seguinte, o levou à apreciação do Con-  
selho Central que, por sua vez, nomeou  
para estudar o assunto, uma comissão com  
posta pelos delegados da indústria do Li-  
vro e do jornal e dos empregados no Co-  
mércio: Augusto Carlos Rodrigues, Carlos  
José de Sousa, Perfeito de Carvalho, Raúl  
Neves Dias e eu. Talvez mais que outras  
razões, foi a falta de fé no êxito da empresa

adiando o estudo da questão até que, finda  
a guerra e após o movimento de Monsanto  
(Janeiro de 1919), a necessidade e a oportu-  
nidade de um jornal operário foram sentidas  
e compreendidas por toda a gente. A oca-  
sião ofereceu-se favorável. O ambiente, ani-  
mador. Não havia tempo a perder. E assim,  
a 28 de Janeiro, a comissão referida solici-  
tava ao Conselho Central plenos poderes  
para levar à prática a ideia. A comissão fo-  
ram agregados Eduardo de Freitas, Hilário  
Marques, Francisco Cristo, Manuel Afonso,  
Gil Gonçalves, José António de Almeida,  
Luís Consiglieri Sá Pereira, Joaquim Car-  
doso e Alexandre Vieira. Os trabalhos de  
organização, instalação e engarimamento  
de fundos foram executados com febril acti-  
vidade. Discute-se se o diário deveria ser  
da tarde, da noite ou da manhã resolvendo-  
se que fosse matutino.

Ponderaram-se as vantagens que havia  
em o jornal ser editado por um grupo de  
militantes em vez de o ser pela central dos  
sindicatos; mas os que entendiam que da  
primeira maneira se garantia melhor a in-  
dependência da crítica e a necessária fisca-  
lização aos dirigentes dos organismos pro-  
letários, tiveram de curvar-se perante o ar-  
gumento de que sendo edição da central  
dos sindicatos a vida do jornal estava mais  
assegurada pela possibilidade de fazer pes-  
sar sobre os sindicatos uma contribuição  
obrigatória exclusivamente consignada ao  
jornal. Não foi, porém, ao acaso e sem  
objectivo que, em vez de órgão da U. O.  
N., se chamou *A Batalha*, «porta voz da  
organização operária».

Como se havia de intitular o novo jornal?  
Todos alviram títulos, sendo escolhi-  
do *A Batalha* proposto por Perfeito de  
Carvalho desenhando ele próprio as letras  
do cabeçalho. Gil Gonçalves, Manuel Afonso  
e eu encarregámo-nos da propaganda do  
jornal. Distribuímos prospectos e afixa-  
ram-se *placards*. Hilário Marques, Eduar-  
do de Freitas e Francisco Cristo que ficou  
como tesoureiro, tomam conta da adminis-  
tração, ficando Gil Gonçalves, como pro-  
fissional, a auxiliá-los na escrita. Da redac-  
ção ficam fazendo parte Alexandre Vieira,  
escolhido para redactor-principal, além de  
figurar na cabeça da gazeta como impõe a  
lei de imprensa, Sá Pereira, Perfeito de  
Carvalho e eu. Carlos José de Sousa orga-  
niza o quadro tipográfico que passou a che-  
fiar. De toda a parte chegam donativos,  
produtos de subscrições espontaneamente  
abertos, palavras de aplauso e de encoraja-  
mento, promettimentos de auxílio. As acções  
e obrigações emitidas são disputadas. E  
após vinte e dois dias de toda esta coo-  
peração de esforços em que cada um portou  
em contribuir com mais paixão, e com  
pouco mais de mil escudos realizados e em  
caixa, era posto na rua, a 23 de Fevereiro  
de 1919 — faz hoje sete anos — o primeiro  
número de *A Batalha*!

\*\*\*

Tenho sido já parteiro de vários jornais  
mas nunca assisti a um parto tão feliz como  
o de *A Batalha*. A tipografia fechara o jo-  
nal cedo, a propaganda tinha sido intensa  
extensa e sugestiva, a venda foi muito bem  
organizada, os vendedores pegaram-lhe  
bem, e o dia apresentou-se sem chuva.  
Assim, foi auspiciosamente lançado o pri-  
meiro número, que foi procurado com curio-  
sidade e conseguiu agradar. Não se su-  
punha, no entanto, que não foi alvo de crí-  
ticas. Crítica sempre se fez entre nós; a crí-  
tica descer, podia até ser errada mas era  
sincera, podia até ser injusta mas não era  
propositadamente. Os críticos que os seus  
reparos visavam apenas a contribuir para o  
melhoramento, convencidos sinceramente  
que a razão lhes assistia. A crítica assim,  
bem intencionada, não era destruidora,  
muito pelo contrário, era útilmente cons-  
trutora.

Havia quem desejasse que *A Batalha*  
fosse maior, quem lastimasse que ela não  
se apresentasse melhor impressa, mas to-  
dos aceitaram-na tal como se apresentou,  
sentindo que se melhor não saísse fora por  
melhor não ter sido possível. Houve tam-  
bem quem reputasse demasiada a informa-  
ção de *A Batalha*. Era isso um defeito?

Eu estou absolutamente convencido que  
se *A Batalha* atinge hoje o seu 7.º aniversá-  
rio deve-o ao carácter de jornal diário,  
de informação e de crítica aos assuntos e  
casos do dia, que de princípio se lhe im-  
primiu. Se se tivesse feito de *A Batalha*  
um jornal apenas doutrinário, que tanto in-  
teresse teria em ser lido hoje como ama-



nhá ou no dia do descanso, estou certo de que teria sucumbido, como sucumbiram lá fora tantos outros diários operários apenas doutrinares e circunscritos aos interesses das classes.

\*\*\*

Sim. Logo no primeiro ano da sua publicação *A Batalha* sofreu crítica e reclamações dos insatisfeitos, mas os descontentes nunca a abandonaram, não lhe retiraram o seu apoio moral ou material, como o atesta o aumento constante da sua tiragem que foi de 7.500 exemplares até 18.000—elevada tiragem esta que permitiu ao porta-voz da organização operária portuguesa ocupar o terceiro lugar, depois de *O Século* e do *Diário de Notícias*, na imprensa de Lisboa.

Bons tempos esses! Na minha memória desliza, neste momento, toda aquela rapaziada leal, idealista, afectuosa e boa que, todas as noites, nos visitava na redacção a sugerir assuntos, a levar notícias, a oferecer artigos, amavelmente, solícitamente, sem imposições nem pretensões. E na noite seguinte lá os viamos de novo contentes porque aproveitaram o mais interessante pormenor da sua notícia, e, para um eco, apenas o melhor pensamento do seu artigo e os que não tinham de qualquer maneira sido atendidos, não se mostrando ofendidos ou despeitados por isso, contentes, como estavam, em que os camaradas que faziam o jornal tinham tanto ou mais interesse do que eles em que *A Batalha* fosse o melhor possível!

\*\*\*

Bons tempos esses! Recordo com saudade e muito afecto os meus camaradas de redacção: o Alexandre Vieira, correctíssimo e lealíssimo sempre, impondo-se-nos a todos pelo seu moral e pelo seu critério experimentado e seguro; o Perfeito de Carvalho, o excêntrico Perfeito de Carvalho, cultíssimo, talentoso e esportivíssimo; o Sá Pereira, o travesso, que com as suas garras era quem obrigava o Vieira a repetir mais vezes durante a noite: «*Ohem que só tem mais cinco minutos... Rapazes, já passaram os cinco minutos; agora vamos a isto.*»

E voltava-se aquilo, que se fazia prazentemente por não se trabalhava por dever de ofício, mas com alma, com fogo, por idealismo. Não nos nos considerávamos — nem o Alexandre Vieira, director independente e autónomo, mas como propagandista e militante, e o operário tinha por nós aquela consideração natural de que são credores aqueles militantes que ocupam no combate os lugares mais expostos e de maior risco.

Também nunca conheci redacção tão fácil de chefiar. Os assuntos eram os redactores que sugeriam e não havia dentro deles quem ocultasse uma notícia ou reservasse uma ideia só para não ter o trabalho de a escrever ou de a expor. Destarte o original nunca abundava. E que faltasse? O Quintanilha, o Sobral, o Emilio Costa, o Manuel Ribeiro, o Neno Vasco — o querido Neno! — e tantos outros, não tardariam a surgir à porta com o seu artigo escrito tão só pela necessidade de o escrever!

Ao recordar os colegas de redacção desse tempo, não posso deixar de envolver na mesma saudade enternecida dois elementos da administração do jornal: Francisco Cristo e Eduardo de Freitas. O primeiro, já falecido, pelas suas qualidades pessoais: bondade, espírito folgazão, certa candura e honradez; o segundo, pela sua extraordinária dedicação e serviços salientes prestados à *Batalha*.

Com cuidados e delicadezas de dona de casa, rubijento quando encontrava os jornais desarrumados e os papéis espalhados pelo chão, desempenhando os serviços de um continuo zeloso, a Eduardo de Freitas devíamos nós a alegria de ver todos os dias flores frescas nos solitários das secretárias, única nota de beleza e de vida naquela solitária oficina, como naquele tempo se chamava à redacção. Parece que na tipografia não gostavam muito dele... A redacção, porém, só lhe devia atenções.

\*\*\*

Que belos tempos aqueles! Que fé, que entusiasmo, que elevada e viva aspiração! Também sem isso o empreendimento teria desde logo sossobrado. A escassez do dinheiro, apesar da assistência activa do operariado, sendo de inteira justiça salientar a que lhe foi prestada pelos operários do Arsenal do Exército, impunha sacrifícios e economias.

A manutenção de *A Batalha* exigia isenção e excesso de esforço. Alexandre Vieira, o redactor principal, era também o secretário geral da U. O. N. e trabalhava ainda como tipógrafo no Anuário Comercial. Esta acumulação de trabalho, que ia matando, tornava bem pouco invejável e nada disputável o seu lugar. Sá Pereira e Perfeito de Carvalho, ambos tipógrafos, concluída a sua tarefa redactorial, iam ainda para as caixas dar uma ajuda, quando na tipografia o jornal se atarraxava.

O mobiliário da redacção não era modesto, era paupérrimo: um armário — o mesmo que ainda hoje existe — uma grande e horrenda mesa ao centro e uma meia dúzia de frágeis cadeiras.

A iluminação era tão deficiente que um dos redactores — não digo o nome para que se não riam à sua custa como faziam os camaradas tipógrafos — parava por cima da mesa para se aproximar da lâmpada.

Mas basta! O Arranha recomendou-me uma coluna e o que para aqui já está, excede em muito. As recordações são como as cerejas... Também só a recordação do Arranha me daria, pois confesso que é com prazer grande que estou revivendo esse bom tempo e evocando essa esplendida camaradagem de então. Mas, na verdade, é forçoso pôr o ponto final. Estas coisas só interessam a mim e talvez aqueles que também viveram essa época e sintam pesadamente, como eu, o desmembramento daquela família, pequena e certa, mas unida, afectiva, prestante, animadora e estuante de fé e de ideal.

Aos novos, que lhes importa o que lá vai se eles não têm passado? Se, como em toda a mocidade, só o futuro os preocupa, os ilumina e os chama?

Que lhes relevem esta maçada de um impenitente idealista que tem saudades do passado, sim, mas que não perdeu a fé no futuro; e que me permitam esta declaração com que termino: Foi na convivência e com o exemplo e o verbo ardente dos velhos camaradas que encontrei na minha juventude, que temperei as convicções que ainda em mim se conservam intactas, vigorosas e inabaláveis a todos os revisionismos.

Pinto QUARTIM

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

## Para que A BATALHA viva!

Recordar o aniversário de *A Batalha*, a perseverança e o esforço heróico dos camaradas que, em 23 de Fevereiro de 1919, arremessaram à publicidade o órgão diário — porta-voz da organização operária — que veio preencher uma lacuna na imprensa portuguesa, quebrando o silêncio profundo que, em redor da vida proletária, se sentia, e reverter uma das páginas mais brilhantes e heróicas que a epopeia do movimento sindicalista revolucionário registou!

*A Batalha*, em plena mocidade ainda — sete anos apenas! — já marcou digna e honradamente o seu lugar!

*A Batalha*, longe de ficar desalentada ou derrotada nos momentos amargos e difíceis das cruentas agruras que o combate proporciona, em busca de melhor bem-estar mantém a agitação periódica e activa, através de rudes privações e sacrifícios.

Os rapinantes egoístas e ferozes que à sua volta esvoaçam, pretendendo feri-la de morte, para lhe emudecer a voz vibrante, criam à *Batalha* energias renovadoras; geram-lhe inolvidáveis dedicações e decididas vontades que a fazem mais próspera e respeitada.

O seu temperamento rebelde e hostil para com todas as imoralidades que confundam e menosprezem a dignidade e honra do proletariado, tem feito com que o seu activo registre constantemente: querelas, censuras prévias, fapreensões, assaltos, encerramentos e até estocadas daqueles que se rotulam de... camaradas! Mas a cada golpe que recebe, *A Batalha* consolida-se e redobra de simpatias.

Todas as perseguições que lhe movem nem por isso lhe abalam os sólidos alicerces, delineados pelos seus fundadores e sucessivamente reconstruídos e ampliados por camaradas dedicados!

Na peleja encarniçada que trava contra os latrocinios desta sociedade, os seus caracteres autopsiam e retalham: todas as infâmias, insidias e vexames, lançando na lama a podridão dos hediondos e impunes crimes...

A-apesar da sua juventude ser acidentada e pejada de vicissitudes, já conseguiu formar também a sua prole: *O Suplemento Semanal Ilustrado, Renovação e O Almanaque*, que tem funções nitidamente demarcadas. E com o seu filho, incute-lhe as melhores redentoras do futuro, semeando e espargindo as ideias emancipadoras!

\*\*\*

Confrange que este labor insano não seja compensado também pela classe a que pertence — empregados no comércio — ocorrendo aos seus chamamentos e exortações a fim-de integral e conscientemente adquirir a sua emancipação.

Infelizmente é doloroso constatar este facto, mas espero, entretanto, que esta desgraçada classe acorra ao chamamento dos seus militantes, dando-lhe as energias que lhe faltam, para que o seu posto na organização seja marcado como tem jus, e o seu concurso seja compensado em prol das suas reivindicações.

E que fazer, pois, para que *A Batalha* frutifique, se desenvolva e progrida?

Para que o seu funcionamento não afrouxe a marcha gloriosa, devemos dedicar a nossa tenacidade e coragem à causa sindicalista, intensificando-lhe a harmoniosa existência orgânica, desenvolvendo a nossa acção, esforçando-nos para que os sindicatos sejam aderentes às respectivas Federações de Indústria, Câmaras Sindicais e C. G. T., incluindo nas suas decisões, com consciência. E é deste fluxo que sairá a directriz que orientará as massas, no sentido de inextinguível consolidação.

Precisamos que *A Batalha* seja longa para que o seu facho iluminante nos sirva de guia, e que os seus ensinamentos perdurem e actuem nas gerações vindouras, proporcionando-lhes a almejada fraternidade e solidariedade.

Camaradas! Se quereis *A Batalha* forte, para te ajudar na luta pela conquista do teu pão para o corpo e para o espírito, se desejas que *A Batalha* seja mais energética contra as castas: capitalista, militarista e jesuítica; e se ambicionas o revigoramento cotidiano de *A Batalha*, presta-lhe toda a assistência possível; dai-lhe conscientemente o vosso esforço físico e moral; ministrai-lhe o tónico monetário para que o seu desenvolvimento seja colossal!

E as comemorações, as festas e homenagens que nesta hora grave lhe devemos dedicar, sublime e consoladoramente, é dar-mos-lhe desinteressadamente a nossa fé ardente de idealistas, a nossa boa vontade, a nossa inteligência e assim contribuiremos para que *A Batalha* se mantenha através de todos os obstáculos!

Domingos Afonso RIBEIRO

ASSINEM Os mistérios do Povo

TIVOLI

Telef. II. 5474

A'S 8 314

Vitórias femininas

Comédia em cinco partes

com MARY MINTER

Monte Carlo

Realização de Louis Mercanton do romance

de Philipps Oppenheim, com

BETTY BALFOUR

a mais célebre estrela inglesa

Uma panorâmica — Uma ciné farsa

SÁBADO, 27 — «MATINÉE» DE CARIDADE

Bilhetes desde já à venda

TEATRO APOLO

HOJE

NÃO HÁ ESPECTÁCULO

Quinta-feira

FESTA ARTISTICA

DE

Carlos de Oliveira

COM

A COMÉDIA

MARIOS ENGRAVADOS

Sábado

Festa artística da insigne

ADELINA ABRANCHES

com a peça SAMSÃO

## TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

No São Luís

«Alsaciana» e «O Pobre Valbuena»

E' para lastimar que registemos a quase completa ausência do público aos espectáculos da companhia de opereta que durante certo tempo, que finda agora, proporcionou noites agradáveis em que brilharam as suas figuras e uma apreciável massa coral, pouco vulgar em companhias portuguesas. De óptimos elementos dispõe esse grupo de artistas que deu à população lisboeta composições interessantes, como a «Montaria» e os «Gaviões», do inspirado maestro espanhol Guerrero, a «Canção do Olvido», de Serrano, a «Moça de Campanilhas» de Pablo Luna, a «Flor do Tojo» velha corôa de José Ricardo, e agora a curiosa zarzuela «O Pobre Valbuena» e a «Alsaciana», de Guerrero.

A reputação da primeira não admite encomios que lhe possamos fazer, tão grande ela é, por isso, pelo seu sabor especial custamos a admitir uma adaptação a português. A companhia portuguesa deu-lhe o melhor do seu esforço, principalmente Alvaro Pereira que lhe imprimiu vivacidade e Alvaro de Almeida e Teresa Gomes que lhe deram o espírito caricato que a peça tem na origem.

A «Alsaciana» é um episódio sentimental de música ligeira, mas limpa de notas, colocadas com a perícia de que Guerrero dispõe sempre. Almeida Cruz defendeu com pde, e fê-lo com habilidade, a sua roquidão. A orquestra, sob a direcção de Serafin Rada, segura e afinada. A marcação de Augusto Soares e António Gomes de bom gosto.

Nogueira de BRITO

Orquestra Portuguesa

O concerto de domingo da Orquestra Portuguesa, de Fernandes Fao, foi um concerto de emoção. A nota de sentimento foi dada pelo violonista cego Simões Dias, sentimento na maneira porque tocou o concerto de Max Bruck, sentimento de dor que nos despertou a sua cegueira que nos faz pensar no que seria este instrumentista se os olhos se lhe pudessem abrir a tantas belezas da vida que o inspirariam mais ainda. O concerto de Max Bruck teve vigor, colorido e beleza. Simões Dias sentiu-o e interpretou-o, eis tudo!

«*Cantares do meu país*», de Tomás de Lima são uma deliciadíssima renda de motivos populares portugueses que o autor orquestrou com cuidado e fluência. Há abundância de som, beleza de ritmo e muito movimento. «*O Eterno enigma*», de António Eduardo da Costa Ferreira, é também uma página muito bem urdida em que se denuncia o mérito de sinfonista do autor.

A Orquestra Portuguesa foi animada e homogênea como sempre, interpretando com elegância as danças do Príncipe Ygor.

A valsa da Ravel, composição duma elevada contextura, foi desenhada com muita sobriedade pelos naipes que nele predominam.

N. de B.

Coliseu dos Recreios

Terceira companhia de circo, durante esta temporada. O empresário Ricardo Córdova tem o segredo do aperitivo em espectáculos desta ordem. Quando percebe que a concorrência vai fraquejando, excita o seu público com um torneio de box ou de luta greco-romana e assim, na culinária de circo, serve um apetitoso *entremets*. Feita a digestão volta a servir a sopa e o público gosta. E como há muita variedade de *potages* arranja outros nomes e o *menu* aparece variado. Oxalá o *maitre de hotel* tenha a mesma arte com a ópera em São Carlos.

A nova companhia de circo apresenta-se cheia de números variados, com o *frisson* do da corrida de bicicleta e o recorte artístico dos grupos plásticos, de uma óptima imobilidade e delicada escolha estética. Podemos afirmar: a companhia manter-se-á com agrado.

N. de B.

A crise do Teatro Nacional

Para tratar da crise do Teatro Nacional e da necessidade de a resolver num sentido útil à arte dramática portuguesa, realiza-se no domingo, à tarde, no teatro Avenida, um grande comício público, promovido pelo Grémio dos Artistas Dramáticos e pela comissão de propaganda da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

Para esse comício, no qual usará da palavra actores e artistas, vão ser convidadas todas as associações de Lisboa.

Reclames

Como se sabe esta noite é o penúltimo espectáculo dado no São Luís pela companhia de opereta que ali está trabalhando desde fins de Outubro do ano passado. Querendo ainda bem servir o público, variando estas duas últimas réctas, a empresa resolveu dar hoje «*A Moça de Campanilhas*» e amanhã «*Os Gaviões*» e «*O Pobre Valbuena*», começando o espectáculo de hoje às 21,15 e o de amanhã às 21 em ponto.

E' definitivamente na próxima quinta-feira que sobe à scena no Teatro Nacional, a notável peça de Bregily — «*Amor vence*». Todos os artistas estão cheios da vontade de vencer e o «*Amor vence*», que teve centenas de representações em Itália, vai obter em Lisboa, por certo, um grande êxito.

«*Amor vence*» é uma peça que faz sorrir e que enternec.

Como fora anunciado efectuou-se no sábado passado no Coliseu dos Recreios a estreia da Nova Companhia de Circo, que se afirmou como um magnífico conjunto, a que o público não faltou com os seus aplausos. Completamente diferente das que ali estiveram antes dela, a Nova Companhia apresenta algumas novidades, entre elas as admiráveis exhibições plásticas de Madame De Baker, a mulher mais perfeita do mundo, e os bailados luminosos de mademoiselle Nancy, formosa artista de reputação feita lá fora. Deen, o diabo vermelho, provoca a maior emoção num trabalho de grave risco, dando várias voltas em motocicleta num círculo vertical, à velocidade de 200 quilómetros à hora. Outros números há dignos de serem vistos, entre eles os Pisons, em acrobacia lenta, os Collins, argolistas e voadores e ainda os clowns Tomito, Arturito e Tony Grice e Rico e Alex, já bem nossos conhecidos.

Ontem, em recita da moda, estrearam-se os sete saltadores árabes Sinto Riffi, que provocaram entusiasmo.

Ninguém deixará, por certo, de ir, hoje, ao Ginásio ver a última da lindíssima comédia «*Vida e Dogura*», em que Palmira Bastos é admirável, acompanhando-a esplendidamente Gil Ferreira e Henrique de

Albuquerque. «*Vida e Dogura*» é uma peça deliciadíssima, que todos, mesmo os mais escrupulosos, podem ir ver, pois diverte e faz rir, sem recorrer a inconveniências.

Notícias

Com grande sucesso a «*tournée*» artística Gil Vicente deu diversos espectáculos em Vila Franca de Xira, Grandola, Alcacêr do Sal, encontrando-se em Lisboa para seguir novamente para Vila Franca de Xira, Bombarral, Santarém, Alenquer e Aldega, donde segue para o Alentejo e Algarve, vindo no seu regresso a Lisboa para seguir para as Ilhas.

Foi contratado para a «*tournée*» artística Gil Vicente o actor Pinto Júnior. — Anunciar a revista «*Foot-ball*» é o mesmo que garantir duas enchentes no Maria Vitória. A famosa revista, que nenhuma exceção, é a peça que maior número conta de representações e que atrai maior concorrência.

Hoje repete-se, em duas sessões.

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Ginásio — A's 21,15 — «*Vida e Dogura*». Apollo — A's 21,15 — «*Marijos Engravados*». Tivoli — A's 21,15 — «*Arco-Íris*». Politeama — A's 21,30 — «*Não te melindres Beatriz*». São Luís — A's 21,30 — «*A Moça de Campanilhas*». Avenida — A's 21,30 — «*O Pão de Ló*». Eden — A's 20,30 e 22,45 — «*As onze mil virgens*». Maria Vitória — A's 20,30 e 22,30 — «*Foot-Ball*». Sinto Riffi — A's 9,15 — «*Pom Pom*». Coliseu — A's 21 — «*Grande companhia de circo*». Joaquim de Almeida — Animatógrafo. Cinema Gil Vicente (à Graça) — Espectáculos às 3,30 e 8,30, sábados e domingos com amateiros.

Frederico Lacerda — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terrace — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Toris — Cine Paris.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos «*Progresso Social*». — Esta antiquíssima colectividade acaba de distribuir aos sócios o relatório e contas da sua gerência do ano findo, o qual temos presente, em que se verifica que a receita foi 29.922\$48 e a despesa 27.093\$39, produzindo um saldo de gerência de 2.829\$09, que, junto às existências colectivas, prefaz um capital social na importância de 13.692\$92. Na próxima sexta-feira, em 2.ª convocação, reúne a assembleia geral, para, juntamente com outros assuntos, discutir o referido relatório e contas.

## 'A Batalha' na provincia e arredores

Oeiras

Proceder desumano das autoridades

OEIRAS, 17. — E' revoltante a forma como são tratados os presos da cadeia civil desta localidade. Aos presos só lhes é fornecida comida quando não tenham dinheiro seu para a mandar comprar, não lhes sendo fornecida uma simples manta para se cobrirem, tendo que dormir em cima da tarimba sem nada para os cobrir, o que é uma grande desumanidade. E' lamentável que havendo tantos republicanos... historicos nesta localidade não tenham ainda reparado, nesta monstruosidade que só desprestigia a república que eles tanto dizem defender. — C.

## Uma declaração de Zinoviev

MOSCOVIA, 22. — Na sessão plenária do comité executivo, alargado, da III Internacional, o sr. Zinoviev declarou sem alterações os princípios fundamentais do programa e da tática da III Internacional comunista.

## Comissão do Serviço de Abastecimento de Carnes da Câmara Municipal de Lisboa

Pedem-nos a publicação da seguinte notícia:

Na sua reunião de 22 do corrente, resolveu: Reduzir o seu pessoal, no que fez uma apreciável economia; insistir junto do ministro da Agricultura, para que seja elevado a 3.000 o número de rezes argentinas a importar até aos primeiros dias de Maio, para garantir o abastecimento da cidade; aumentar 350 em cada quinze quilos, no preço de compra de gado nacional, a partir do próximo dia 25 e 323 em cada quilo aos marchantes.

## TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3042

## Quinta-feira

sobe à scena em 1.ª representação a comédia

## AMOR VENCE...

Protagonista

ESTER LEÃO

Encenação do professor

ANTONIO PINHEIRO

## Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE

Surpreendente espectáculo

no qual fazem a sua 2.ª apresentação

os sete assombrosos saltadores árabes

Sinto Riffi

Mme DE BAKER — Miss NANCY

Todas as atracções da

Nova Companhia de Circo

5.ª FEIRA — «*Matinée*» elegante

Bilhetes à venda

## Autoridades e policia da P. S. E. que provocam desordens e têm cadastros como ladrões

Sob esta epigrafe referiu-se *A Batalha* de sábado à forma como se recruta gente para as diversas brigadas policiaes e à facilidade com que se entregam cartões de autoridade e pistolas a indivíduos cadastrados e recrutados especialmente para a chamada Policia de Segurança do Estado.

Tudo quanto dissemos foi parte baseada nas notícias publicadas em jornais, e que em dois dias não foram refutadas, e parte em informes que colhemos de fontes de confiança.

Ontem, porém, procuraram-nos duas pessoas aparentadas com José R. Mortágua, aquele homem assassinado à navalhada no Barreiro, a pedir-nos que por amor à verdade rectificássemos a parte da notícia que se refere ao seu parente.

Afirmaram-nos essas criaturas que o caso, segundo o testemunho presencial de vários indivíduos, não ocorreu como se disse. A pistola, afirmaram, não era do Mortágua mas do guarda fiscal que o matou e as facadas foram vibradas traiçoeiramente por este, quando a arma caiu no chão por um puxão que o Mortágua lhe deu.

Mais nos afirmam não ser verdadeira a vítima ter cadastro como desordeiro e gatinho e ter pertencido ultimamente à P. S. E. O Mortágua, dizem-nos, tinha é certo um cartão da administração do Seixal, em que esta justificava ser ele o guarda de algumas propriedades.

Rectificada esta parte, o resto está perfeitamente certo.

## Liga dos Amigos dos Hospitais

Do sr. René Desirat Monteiro recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do Jornal *A Batalha*. — Permite que lhe agradeça o facto de se ter agora esse jornal o único que tomou a defesa da «*Liga Amigos dos Hospitais*», injustamente envolvida pelo sr. A. B. da *Epoca*, na sua campanha contra os Hospitais Civis. E por ter sido esse jornal um dos melhores paladinos da Liga, tenho o maior prazer em lhe dar os esclarecimentos que deseja. Não, a Liga não é uma instituição politica nem religiosa mas simplesmente uma instituição de beneficência. Não discutimos, portanto, se a enfermagem religiosa é melhor ou pior que a enfermagem laica, pois isso pertence à Direcção dos Hospitais decidir, e nunca a Liga. A nossa missão é auxiliar os doentes pobres e suas famílias de af não passamos. Devo ainda frisar que conquanto seja certo que a Liga, tenha recebido de vários católicos um auxílio muito apreciado, também o tem recebido de outras entidades não religiosas e não menos apreciável, com a diferença que estas têm prestado o seu auxílio sem reservas nem condições e apenas pelo espírito de benemerência ao passo que pelos artigos do sr. A. B. parece que aquelas o faziam com segundo sentido. Não quero porém acreditar que assim seja, para honra dos doadores.

Com a maior consideração, etc. — René Desirat Monteiro.

## «Os Mistérios do Povo»

Por motivo imprevisto fomos forçados a suspender por alguns dias a publicação do nosso interessante folhetim, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

## EDEN TEATRO

Hoje, A'manhã e Quinta-feira

Não há espectáculo

Sexta-feira

Reparição da festejada

revista

Fungágá

que será ampliada e remodelada, tendo LAURA COSTA diversos papeis

TEATRO DO GIMNASIO

Direcção artistica de GIL SERRAVAL

TELEF







O GRANDE DESVAIRO...

## Um poder divino que vem soprando a guerra por toda a Europa

Paris, 15 de Fevereiro.—O imperialismo fascista originou já uma grande e muito grave dissidência com a Alemanha. A polémica suscitada fora das chancelarias, do parlamento e na imprensa, ainda causou inquietações, por se debaterem furiosamente dois nacionalismos exaltados.

Refiro-me novamente à questão do Tirol. O território litigado, que o tratado de São Germano entregou à Itália, estende-se ao longo do Brenner e dos cumes alpinos até à região de Po, incrustados ainda os vales de Eissack e Adige. Grande parte da população é germânica, que o governo de Roma quer italianizar.

Mussolini pensa certamente que detém um poder indestrutível. E nesta sugestão não oculta os seus propósitos imperialistas. A propósito das manifestações nacionalistas, a cuja repressão se recusou o gabinete de Berlim, o senhor da Itália declarou: «O Brenner não é um ponto de chegada—é um ponto de partida». Não é difícil saber-se que assim Mussolini ameaçou de invadir a parte norte do Tirol, que ainda se conserva no território austríaco.

Os alemães retorquiram que não pensavam contestar as fronteiras do Brenner, mas não admitiam que a população germânica fosse oprimida. E após três discursos do sr. Stresemann, alemão, e Mussolini, italiano, nos respectivos parlamentos, o incidente foi abruptamente fechado pelo sr. Mussolini. A pesar disso, a rivalidade entre os dois poderes—o racismo germânico e o fascismo italiano—persistirá, ameaçando a trémula paz europeia.

## O imperialismo inglês está favorecendo a expansão do imperialismo fascista

A arrogância de Mussolini não se apoia apenas no fascismo e no grande exército que a Itália possui actualmente. O imperialismo da Gran-Bretanha também anima fortemente o imperialismo romano. Afirma-se mesmo, sem que os meios oficiais desmintam, que o governo conservador concluiu um tratado secreto com a ditadura fascista.

Para o seu predomínio no Oriente e no Mediterrâneo viu a Inglaterra a grande conveniência de se entender com a Itália, afastando embaraços que ameaçam a influência nos países mediterrânicos, que agravam a insólita questão de Mossul, que dificilmente toda a política colonial do império britânico.

Para a realização do seu sonho imperialista encara o sr. Mussolini a vantagem de entendimentos com a Inglaterra, anulando eventualidades inquietadoras nas suas ambições sobre a África.

Não admira, pois, que os dois governos se concentrem para compartilhar o domínio no Mediterrâneo. O que é grave é que a França se inquiete, embora dissimule, da sorte do território situado ao sul e da sua colónia da Tunísia, ao norte de África. E a justificar as inquietações dos círculos governamentais franceses vem aquela frase retumbante de Mussolini: «O ano que começa virá a ser o início da era napoleónica do fascismo».

O imperialismo romano encontra, porém, grandes obstáculos. Nas suas pretensões de um império colonial colocam-se em antagonismo com as reivindicações dos alemães sobre a recuperação do seu antigo domínio colonial. Este antagonismo agrava-se com a política de expansão da Itália para o interior de territórios que têm uma população alemã que não se dispõe a «submeter-se» ao jugo dos romanos. São 250.000 alemães, pelo menos, que protestam vigorosamente contra a tirania fascista e não querem perder a sua nacionalidade. E, como resposta a tais protestos, Mussolini já declarou que não permitirá a menor controvérsia e que a lei fascista se ha-de aplicar com a fria severidade de... um poder divino!

## Para abafar o protesto internacional fundou-se um super-fascismo que se curva diante do papa

A guerra parece ser atavismo dos ditadores da Itália. Afogada a oposição no interior, criou-se o super-fascismo para afogar o protesto do exterior e tornar ao apogeu o império romano. O Império, jornal super-fascista, refere-se nestes termos à situação actual da marinha de guerra francesa:

«O dilema não pode ser outro: ou a França fará a guerra à Itália e se encontrará então na impossibilidade de apelar para as suas reservas coloniais e na necessidade de abandonar os seus domínios; ou a França fará a guerra nas costas italianas e então, se quiser obter a aliança da nação italiana, terá de ceder amigavelmente o nosso favor de uma boa parte das suas possessões africanas e austríacas que hoje ameaçam de se revoltar».

Razão tem a Europa para andar sobressaltada. O fascismo é o sóro trágico duma nova guerra. A Iugoslávia, por exemplo, também não escapa ao tal poder divino emanado de Mussolini; e a palavra do novo deus, senhor da Itália, príncipe do mundo—e talvez do universo—é um sonoro brado belicoso.

O órgão de Federzoni, *Idea Nazionale*, ora extinto, crivava de injúrias, acompanhado do *Popolo d'Italia*, o órgão do irmão de Mussolini, essa nação constituída por sérvios, croatas e eslovenos, sob a genérica denominação de Iugoslávia.

O fascismo não desiste de se apressar do litoral desta nação, visto que o domínio absoluto do Adriático. No inverno último houve demonstrações fascistas de hostilidade em Trieste, e os eslavos responderam com idénticas manifestações em Spalato e Sebenico. Ante o desagrado dos sérvios, Mussolini apresentou desculpas ao governo iugoslavo e repetiu-as na ocasião em que o chefe deste governo fez no Parlamento de Belgrado um discurso violento contra os fascistas.

Agora anda Mussolini oferecendo uma aliança à Iugoslávia, sob o pretexto duma provável desagregação da Pequena Entente, duma próxima fusão da Austria e da Alemanha e duma consequente ameaça à segurança do Estado iugoslavo.

«Estendo-vos a mão» disse Mussolini aos governantes iugoslavos. Mas estes deixaram-se ficar em reflexões, porque muito justamente desconfiam da amizade fascista, que ainda há dois meses era hostilidade.

Com o Papa outro conflito se estabeleceu. O cardeal Gasparri continuou no seu lugar, com a confiança de Pio XI. Solucionou-se o caso com um triunfo diplomático da Igreja, mas logo o jornal *Tevere* anunciou a publicação de revelações graves contra o cardeal Gasparri. O Vaticano soube que tais revelações seriam as cartas que o secretário de estado da Santa Sé dirigiu durante a guerra aos governos alemão e austríaco, aconselhando-os a solicitar a paz e manifestando solicitude para com os antigos impérios centrais.

Estas cartas foram levadas por agentes de Sonnino em malas diplomáticas e depositadas nos arquivos do Quirinal. Ultimamente Mussolini confiou essas cartas ao *Tevere* que anunciou estrondosamente a sua publicação. O Papa exigiu de Mussolini o respeito pelas prerrogativas da Santa Sé, que não permitiriam a publicação das cartas e enviou notas de protesto às potências junto de si acreditadas.

Sentindo a extrema gravidade da questão, Mussolini retirou os documentos ao *Tevere*, ao qual ordenou que cessasse imediatamente a polémica.

Vê-se que o fascismo se despenha numa forma que incendiaria novamente as nações europeias numa guerra criminosa.

Piccolo ROMANO

O REGIME DOS TABACOS

## Na magna assembleia do pessoal foi aprovada a Representação a entregar ao ministro das Finanças e que contém as alterações à proposta de lei em discussão no Parlamento

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegações do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Na assistência, que era numerosa fez-se um silêncio glacial. Apenas a insinuante velhinha Virginia da Conceição, tão estimada das assembleias operárias, perguntava ao repórter pela sua querida *Batalha*, cujo aniversário se comemora hoje.

Entretanto, por indicação de Joaquim Rocha, a assembleia elegia a mesa que dirigiu os trabalhos na qual ficou composta pelas camaradas Mabel Fialho, dos empregados; Torcato Joaquim do Couto, do pessoal do Porto; Amelia Santos, do pessoal de Lisboa, respectivamente, presidente e secretários.

Depois de algumas palavras de agradecimento do presidente pela honra que lhe conferiram, João Rodrigues Cassão fez uso da palavra para informar a assembleia que imediatamente à publicação da proposta de lei do ministro das Finanças, as comissões delegadas do pessoal de Lisboa e Porto estudarem convenientemente o assunto. Dêse estado saiu um documento que dentro de alguns minutos será do conhecimento da assembleia.

A seguir o orador procedeu à leitura das bases 8.ª, 10.ª e 17.ª que a assembleia ouviu silenciosamente, e às quais José Fortunato Torres apresenta as emendas que consta da seguinte representação que está assinada pelos delegados do pessoal operário e empregado das fábricas de Lisboa e Porto e que vai ser entregue ao ministro das Finanças:

Ex.ª Sr. Senhor Ministro das Finanças.—As comissões delegadas do pessoal operário ao serviço da Companhia dos Tabacos de Portugal, vêm respeitosamente representar a V. Ex.ª, como segue, sobre o projecto de lei criando a «Regie», entregue à discussão parlamentar:

O § 4.º da Base 8.ª mantém para o pessoal operário e não operário que pertence à antiga Administração Geral dos Tabacos os direitos de que actualmente goza. Entre estes contam-se a Comissão Arbitral e o Tribunal de Recursos designados nos artigos 11.º e 12.º do contrato de 8 de Novembro de 1905 entre o governo da Nação e a Companhia dos Tabacos de Portugal, presidida a Comissão Arbitral pelos comissários de que trata o artigo 1.º do referido contrato.

Pela Base 17.ª do projecto de lei de V. Ex.ª é transferido para o serviço da Administração dos Tabacos de Portugal o pessoal da Secretaria da Fiscalização dos Tabacos, ingressando no quadro dos funcionários dessa Administração. Parece tratar-se da extinção da Secretaria da Fiscalização dos Tabacos, chefiada pelo actual secretário-comissário junto das Fábricas de Tabacos de Lisboa, mas pelo § único da Base acima citada não desaparece esta individualidade cujas funções, aliás não especificadas, são desempenhadas junto do Conselho de Administração da Administração dos Tabacos de Portugal.

Sobre o Comissário do Porto nada diz o projecto de lei a que nos estamos referindo, mas, atendendo às concessões feitas ao pessoal pelo § 4.º da Base 8.ª, parece que continuará existindo para desempenho das actuais funções arbitrais e secretárias do comissário de Lisboa e o Comissário do Porto.

Assim, o pessoal operário e não operário o deseja e pede que se mantenha, adaptando-se ao projecto de lei sobre «Regie» a doutrina dos artigos 11.º, 12.º e 19.º do contrato actual com a Companhia dos Tabacos, no tocante ao pessoal.

Como, porém, o § 1.º da Base 8.ª estipula o regime contratual para o pessoal operário e não operário recrutado pela Administração dos Tabacos de Portugal, pede-se que o julgamento da execução dos seus contratos fique a cargo do mesmo tribunal e comissões arbitrais acima referidas.

A's comissões abaixo assinadas mereceu reparo o texto da Base 17.ª no tocante ao prejuízo que resulta para os empregados, seus representantes, da rigorosa aplicação daquela Base. Ainda existem empregados ao serviço da indústria com exercício muito anterior à organização inicial dos Comissários Régios em categorias inferiores às de alguns funcionários que virão da Secretaria da Fiscalização dos Tabacos. Assim, pois, não são a esses como aos restantes empregados será prejudicial o que se determina naquela Base, visto que não só serão preteridos nas suas promoções como também nas respectivas categorias.

Pede o pessoal não operário a sua representação permanente no Conselho Fiscal a que se refere a Base 3.ª do projecto de lei, embora seja gratuito o seu exercício.

Afora o exposto, pede mais o pessoal operário e não operário a modificação na redacção, como segue, das seguintes Bases e respectivos §§:

Base 8.ª.—O recrutamento e movimento de todo o pessoal operário e não operário, bem como a fixação dos seus ordenados e salários constituirão actos do Conselho de Administração, de conformidade com os regulamentos em vigor à data de 30 de Abril de 1926, dos quais actos dará conta ao Conselho Fiscal.

§ 1.º.—O pessoal operário e não operário será recrutado e mantido sempre em regime contratual.

§ 2.º.—São mantidos em vigor todos os actuais regulamentos.

panhia dos Tabacos para pessoal operário e não operário, enquanto as condições do fabrico o permitirem, devendo, quando se criarem marcas novas, estabelecer-se o salário proporcional ao fabrico das referidas marcas.

§ 4.º.—O pessoal operário e não operário que pertence à antiga Administração Geral dos Tabacos e que esteja inscrito nos registos da Secretaria da Fiscalização dos Tabacos será: o primeiro conservado ao serviço das fábricas do Estado e o segundo das repartições centrais ou escritórios da «Regie», sendo-lhe mantidos os direitos de que actualmente goza.

§ 5.º.—O pessoal operário e não operário, admitido além daquele pela Companhia dos Tabacos de Portugal e actualmente inscrito nos registos da referida Secretaria, será mantido ao serviço, sendo-lhe extensivo o disposto no n.º 9 do artigo 7.º do contrato de 8 de Novembro de 1906.

§ 6.º.—(Como está no projecto de lei).

Base 9.ª.—(Como está no projecto de lei).

§ único.—(Como está no projecto de lei).

Quanto à Base 10.ª notam as comissões signatárias que os lucros destinados ao projecto de lei ao pessoal calculados sobre a Base de esc. 100.000.000,00, de improvável realização próxima, representam, números redondos, esc. 250.000.000.

A média anual de partilha de lucros, distribuída no último triénio pela Companhia dos Tabacos ao pessoal, foi de Esc. 323.000.000.

Assim se verifica a exiguidade da concessão que no projecto é feita ao pessoal. Representa a distribuição dos 328 mil escudos, feita pela Companhia, para o pessoal empregado 1,73 % dos seus vencimentos e para o pessoal operário 2,70 % para o seu vencimento médio.

Pedem as Comissões que a verba acima citada de 250 mil escudos seja considerada como mínimo garantido desses lucros, nos termos do n.º 2 do artigo 6.º do contrato de 8 de Novembro de 1906 e que em substituição da partilha designada nas alíneas a), b) e c) do mesmo n.º seja concedida a percentagem de 0,25 % sobre a importância total da venda, dos direitos de importação e dos tabacos exportados.

E justíssima aspiração dos operários que se lhes eleve o subsídio de reforma que actualmente se cifra em Esc. 5300 diários. E se é legítima aspiração do Estado beneficiar os coíres públicos com largas receitas colhidas do rendimento do tabaco, não é menos legítima a do pessoal que operário, quer não operário, factor desse rendimento, de alcançar eficaz amparo na velhice e quando inválido, sem que venha abraçar a morte, surpreendendo-o andrógono, esquelético, muito estendida a caridade pública.

E desejo de todo o pessoal que seja reintegrado o pessoal operário que em virtude da última greve foi demitido por despacho ministerial, visto que não cometeu qualquer violência ou acto de sabotagem.

Pedem mais os operários, continuos, serventes, em resumo, pessoal menor, que lhe seja concedida a diuturnidade a exemplo do que concede o Estado aos operários da Casa da Moeda, Arsenal, Caminho de Ferro, etc., pois, operários do Estado também o são da antiga Administração Geral dos Tabacos e ainda, em função do mesmo exemplo, o aumento da pensão de reforma.

Outrossim os operários pedem que em caso de doença lhes seja elevado o subsídio actual, de forma que possam fazer face às dificuldades com que sempre se luta em casos tais.

No exposto consiste, ex.ª sr. ministro, o indispensável de que carece o pessoal operário e não operário para viver tranquilo, dedicando-se ao trabalho sem negros sobressaltos pelo dia de amanhã. E se para este estado psíquico é de toda a importância não o é menos para a prosperidade da indústria de que é, porventura, o principal factor. Assim se entendeu em tempo, quando da liberdade de fabrico se passou para a «Regie» e desta para o Monopólio, não se poupando os poderes públicos de então a conceder vantagens a operários e empregados.

E se foi esse o gesto de instituições em cuja protecção o operariado não confiava, outro bem diferente não o poderá ser, estamos certos, o desta República que ele desejou ardentemente e proclamou em nome da felicidade do povo e da rendição do proletariado humilde.

A leitura da representação seguiu-se no uso da palavra o camarada Cassão que, em nome das comissões do pessoal, apresentou uma saudação à imprensa, especializando a *Batalha*, à classe do Porto e à comissão administrativa da *Voz do Operário*, saudação que foi aprovada por unanimidade.

Em aditamento João José Santa Rita propõe uma saudação aos deputados que se têm interessado pela situação do pessoal.

Aprovado.

Porfírio Augusto, num largo discurso, elogia a obra das comissões do pessoal, cujo esforço merece ao orador as mais lisonjeiras referências.

Ocupa-se também da atitude que os republicanos têm tomado, face ao grave problema dos tabacos, não concedendo com a República, que se afirma um regime do povo e para o povo, se tenha interessado tão pouco pela sorte dos 4.000 operários que trabalham nas fábricas dos tabacos.

Por fim o orador ocupa-se do regime de liberdade de fabrico dos tabacos, o qual, em seu entender, é o regime de fome dos operários.

Até ao fim.

—Não temos competência para escolher o regime que se sucederá ao monopólio privado. Porém, se possuímos essa competência preferiríamos a «Regie» porque é nesse regime que os interesses operários ficariam mais acutelados. Fortes aplausos cobriram as últimas palavras do orador.

O velho manipulador Joaquim José da Rocha vai fazer uso da palavra. É das pessoas que acredita que haja boas intenções em muitos daqueles que defendem a liberdade de fabrico. Porém, sabe que nos bastidores um bando de abutres procuram apenas saciar os seus apetites no «bolo tabaqueiro».

Prosseguindo, o orador afirma que não escolhe regime de tabacos. No entanto não tem relutância em afirmar, em nome dos 64 anos de exercício profissional, que será a «Regie» o único que melhor assegurará os interesses operários. Assim foi na extinta «Regie» que salvou da miséria 5.000 operários!

O orador passa agora em revista à situação do pessoal extraordinário e da «Regie», afirmando que ele tem que ser equiparado em todas as regalias, incluindo as da mão de obra.

Francisco Antunes, do pessoal extraordinário, diz que não poderá acrescentar nada ao que disseram os dois oradores antecedentes, a cuja competência presta homenagem.

Não viveu o regime de liberdade de fabrico, mas sabe que ele só foi desvantajoso para o pessoal. E o que sucederá se virar a pretensão de alguns cavalheiros que estão ferendo armas para esse regime.

Para exemplificar:

—O regime que nos fofosforos se sucedeu ao monopólio privado que garantias trouxe para o pessoal ou para o público? Seriam essas mesmas garantias que os operários e o consumidor gozariam se se estabelecesse o regime da liberdade do fabrico dos tabacos.

O orador ataca depois aquela imprensa que para defender a liberdade do fabrico esgrime com algarismos, absolutamente infantis, com algarismos absolutamente errados.

Depois com vimeência:

—A esses cavalheiros vai, dentro em breve, o pessoal responder, mas com números irrefutáveis.

Prosseguindo, Antunes diz que quando terminar o contrato do exclusivo a Companhia terá que entregar ao Estado 800.000 quilos de tabaco. Com essa reserva as fábricas podem cessar a laboração durante três meses sem que ao público falte esse género.

E' nessa altura—afirma o orador—que os partidários da liberdade de fabrico, se este regime vingasse, procurariam aninhar nas fábricas os seus amigos, em prejuízo do pessoal que há muitos anos emprega a sua actividade nas fábricas.

O orador termina as suas considerações aconselhando o pessoal a manter firme a sua reclamação.

Torcato Joaquim do Couto, delegado da classe do Porto, agradece a saudação dirigida à sua classe e declara que o pessoal nada tem que temer, pois afirma-se-lhe que o assunto terá uma solução rápida e de acordo com os desejos do pessoal.

Pela comissão administrativa da *Voz do Operário* falou Amantino do Nascimento que, depois de agradecer a saudação ao organismo de que é representante, alviou que o pessoal defendesse o princípio de que as regalias que hoje goza o pessoal da «Regie» fossem extensivas ao pessoal extraordinário.

No entender do mesmo orador a situação dos reformados não pode persistir por muito tempo, competindo ao pessoal estudá-la convenientemente.

Falou depois a camarada Virginia da Conceição que protestou contra a imprensa burguesa a quem não tem merecido atenção a sorte do pessoal quando é ele afinal, como produtor, a única força digna de consideração.

A seguir aconselha a classe a confiar na comissão, pois ela saberá levar a bom termo esta cruzada em que todo o pessoal está altamente empenhado.

Termina propondo uma saudação a *Batalha* pela passagem do seu sétimo aniversário, proposta que a assembleia aprovou com vivas ao nosso jornal.

Volto a fazer uso da palavra João Rodrigues Cassão para propor um voto de sentimento pelo passamento de duas pessoas de família do sr. Ernesto da Silva, comissário do governo junto das fábricas dos tabacos. Aprovado.

Antes de encerrar José Fortunato Torres leu um pequeno discurso em que se advoga o regime da «Regie» e se apetece para o pessoal extraordinário uma situação melhor do que aquela que ele tem gozado nestes últimos trinta e seis anos.

A sessão foi encerrada às 19,30 horas, aos vivas ao pessoal e à classe operária.

## CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados e sem trabalho das obras do Estado

Reúnem-se hoje, pelas 10 horas da manhã, os operários das obras do Estado, licenciados e sem trabalho.

Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa

A comissão do pessoal das docas e oficinas da Parceria dos Vapores Lisboenses o delegado do Sindicato, convia todo o pessoal licenciado que está ainda ao serviço da mesma empresa a reunir amanhã, pelas 17,30 horas, na sede do Sindicato, para tomar conhecimento das demarches realizadas.

Pessoal da Fábrica Vulcano

Refine hoje o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar a marcha do seu movimento. A reunião realiza-se pelas 13 horas, na sede do sindicato.

Contramestres, Marinheiros e Moços

São avisados todos os camaradas em atraso que se não se puserem em dia até 26 de março de 1926, serão eliminados de sócios.

A DIRECÇÃO

Ferrovários deportados de Lourenço Marques

Reúnem hoje, pelas 19 horas, na Federação Ferroviária, os ferroviários deportados para tratarem de um assunto importante, não devendo faltar nenhum.

## "A Batalha" e a Liberdade

Eu detesto estas coisas convencionais, mas, que são os aniversários pessoais, jornalísticos ou de instituições. Detesto também esses lugares comuns que a propósito se dizem. Velharias, praxes, fórmulas.

Mas o aniversário da *Batalha* é diferente. Porque este periódico simboliza precisamente a luta contra a praxe, contra a fórmula, contra a velharia.

Que *Batalha* tremenda não foi preciso travar para que a *Batalha* chegasse até aqui. *Batalha* contra a força, contra o domínio dos fortes, contra a exploração, contra tudo o que algema a vida e a reduz a um conceito miserável e muitas vezes ignominioso.

*Batalha* pela Liberdade! Porque este aniversário é isto: o aniversário da própria Liberdade. Dessa liberdade almejada, mas que quebra sempre as algemas, para ir mais além, precisamente como este jornal que chegou até hoje ressurgindo muitas vezes de entre escombros, muitas vezes sob trágicas ameaças: a polícia, os potentados, os políticos, todos os que amam a escravidão têm tentado estrangular este jornal na vã esperança de que nele estrangulariam a ideia da Liberdade.

Mas a pesar de tudo isso, esta folha continua a desfilar-se, cada vez mais denodadamente com um pavilhão prestes a ser vencido.

Eu escrevo em muitos jornais—e em todos eles com independência. Mas há um apenas em que eu me sinto verdadeiramente livre, um apenas em que eu julgo não serem efêmeras as minhas ideias, os meus períodos, as minhas palavras—é neste. É na *Batalha*. Minha pena encontra novas expressões, novas arremetidas, novos entusiasmos. É na *Batalha* onde se pode ter a noção das duas grandes coisas que eu amo na vida, depois de me ter desiludido de tantas outras—o Futuro e a Liberdade.

Ferreira de CASTRO

## Comité Pró-Presos

Reúne extraordinariamente hoje, pelas 21 horas, a fim de apreciar um assunto importante.

Pede-se a comparência de todos os comparentes.

## Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União Têxtil.—Reúniu em assembleia geral, aprovando o relatório e contas da gerência de 1924 e nomeando para os corpos directivos os seguintes camaradas:

Direcção: Presidente, Vítor Manuel; 1.º secretário, Manuel Casimiro; 2.º secretário, António Monsanto; tesoureiro, Henrique Marques; vogal António de Almeida.

Assamblea geral: Presidente, José da Cruz Melchior; 1.º secretário, Jerónimo Jorge; 2.º secretário, Henrique Marques.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Ferroviária.—Pelas 19 horas a comissão executiva.

S. U. C. C.—Conselho de Secções.—Pelas 20 horas, com a presença de todos os delegados para apreciar um assunto de máxima urgência.

União Têxtil.—Pelas 20 horas a direcção cessante para dar posse aos novos corpos gerentes. Pede-se a comparência a hora acima indicada dos camaradas nomeados para os corpos directivos.

S. U. Metalúrgico.—Secção de Belém. Pelas 20,30 horas a comissão administrativa. A's 19 horas prestam contas os cobradores.

Sindicato do Pessoal de Cámaras.—A Secção de Cozinhas, pelas 19 horas, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos da última assembleia.

S. U. Mobiliário.—A's 20 horas, os corpos gerentes, para assunto urgente.

A esta reunião devem comparecer os delegados à C. S. T.

Comissão de Melhoramentos.—A's 20 horas.

Pessoal do Município.—A assembleia magna, às 20,30 horas, a fim da comissão de melhoramentos ler a exposição que vai ser entregue à Câmara sobre as reclamações.

—Na secção da Construção Civil de Palma, rua da Beneficência ao Rego, às 20,30, assembleia magna e sessão de propaganda sindical, com presença de delegados das comissões de propaganda, administrativa e de melhoramentos.

SINDICATOS DA PROVINCIA

S. U. C. C. do Porto.—Reúniu a comissão administrativa tendo resolvido passar credenciais a dois sócios que vão para o estrangeiro: um para o Rio de Janeiro e o outro para Espanha, tendo sido ainda tomadas resoluções sobre alguns assuntos de carácter interno.

No dia 25 do corrente, reúne a comissão administrativa pelas 18 horas. A essa hora, no mesmo dia, tomará posse a comissão de melhoramentos e a escolar. Nesse dia devem comparecer os cobradores à hora da largada do trabalho.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Federal para um assunto de grande importância.

Pede-se aos Núcleos que ainda não fizeram as suas requisições, a fineza de o fazerem o mais depressa possível para bom andamento deste organismo.

Núcleo de Lisboa.—Secção Mobiliária.—Para dar andamento aos trabalhos aprovados na última assembleia geral reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão seccional.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Reunem depois de amanhã, pelas 15 horas, a comissão executiva e os militantes para tratar, entre outros assuntos, do sa-rau de arte a realizar brevemente.

1919-1926

## O APARECIMENTO DE "A BATALHA"

«Uma data é uma ideia que se faz cifra; é uma vitória que se condensa e resume em um número luminoso, e que resplandece para sempre na memória dos homens».

Victor Hugo

Há sete anos, numa manhã desejada ouvimos um pregão sonoro: —Cá está a *Batalha*!

Era a consumação de um facto que constituía uma necessidade para a classe operária organizada e para os trabalhadores em geral; era uma nova tentativa de publicação de um diário operário que defendesse os princípios sindicalistas revolucionários e que causticasse dia a dia todas as injustiças que são a base fundamental da sociedade capitalista.

Foi depois de um movimento revolucionário, em que o proletariado se viu envolvido para defender liberdades conquistadas e que teve por consequência a queda de um governo tirânico que tinha deportado para as plagas africanas algumas dezenas de trabalhadores rurais, pelo crime de serem organizados, que apareceu à publicidade a *Batalha* afirmando quais os objectivos da organização operária revolucionária.

O que tem sido a sua vida durante